

Ser Grego na Época Helenística

MARTA VÁRZEAS¹

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Abstract: The opposition Greek/Barbarian, widespread mainly during the Classical Age, as a rhetorical *topos* shaping the discourse of Hellenic identity, loses its meaning during the Hellenistic Age, in the course of which emerges the notion of the cosmopolitan Greek now seen as the member of a universal community founded upon linguistic and cultural identity.

Keywords: Greek/Barbarian, Hellenistic Age, Library of Alexandria, Poetry, Education.

Falar de uma identidade helénica na Época Helenística é, antes de mais, partir de uma das antinomias de que os Gregos antigos se serviram para exprimirem a sua visão do mundo — a que distingue o Bárbaro do Grego. Digo uma das antinomias, porque, como sabemos, a mundividência grega define-se essencialmente numa lógica de polaridades e oposições que tem talvez uma das mais elaboradas expressões no pensamento de um Heraclito, por exemplo². Mas, no que se refere especificamente à forma como os Helenos se viam a si próprios e aos outros, ela formula-se nos alvares da literatura — e refiro-me, obviamente, aos Poemas Homéricos — através de uma outra dicotomia fundamental: a que distingue os homens dos deuses. Este é, de facto, o modo mais recorrente de o homem homérico se referir a si próprio — como *brotos*, mortal, por oposição aos deuses, constantemente designados como *imortais*, *de vida fácil*, *que vivem para sempre*. A aguda consciência daquilo que o homem é essencialmente — efémero, frágil, mortal, embora capaz de actos de grandeza e excelência — está talvez por detrás do tratamento

Texto recebido em 29.11.2009 e aceite em 13.03.2010.

¹ mvarzeas@letras.up.pt

² Sobre as várias dicotomias que enformam a visão que os Gregos tinham de si mesmos, *vide* Paul Cartledge, *The Greeks: a portrait of self and others* (Oxford 2002).

Ágora. Estudos Clássicos em Debate 12 (2010) 37-48 — ISSN: 0874-5498

dados aos Troianos na *Iliada*. Já tem sido várias vezes notada a forma como este povo, que representa o inimigo, é apresentado no Poema exactamente com os mesmos traços com que são retratados os Aqueus. Parece não existir, na verdade, qualquer clivagem entre as duas partes em conflito, quer no que diz respeito à mentalidade — expressa na defesa de um mesmo código heróico ou na crença dos mesmos deuses — quer no que diz respeito ao igual sentimento de compaixão que personagens de um e de outro lado suscitam no ouvinte / leitor. E, curiosamente, o uso por Homero de palavras da família de *barbaros*, adjectivo que nem sequer ocorre nos Poemas, não só é raro, como se refere apenas a um povo determinado, os Cários, assim designados devido ao seu estranho linguajar — *barbarophonoi* (Il. 2. 867). É que o termo *barbaros* e seus correlatos, começa por definir o outro, o estrangeiro não grego, como aquele que não fala grego e cuja língua é, para os ouvidos helenos, um pronunciar estranho de sons sem sentido. Esta mesma acepção do termo mantém-se em geral, ao longo da Época Arcaica, e só no começo do séc. V, com o agudizar do conflito com os Persas, ele assume claramente um significado depreciativo, estigmatizando o Bárbaro como o inimigo perigoso, política, social e moralmente inferior ao Grego. Por seu lado, este assume-se como civilizado, defensor da liberdade e da lei, seu único soberano, e até o que, por natureza, é livre, ao contrário dos Persas, que se submetem ao domínio absoluto do Grande Rei e estão, por isso, naturalmente votados à escravidão. É este juízo valorativo que se cola à noção do Bárbaro e se mantém, de forma mais ou menos polémica, ao longo da Época Clássica, como pólo de uma antinomia usada como *topos* retórico na construção do discurso de uma identidade grega³. Todavia, não se pode dizer que os termos

³ Um extenso e muito bem fundamentado estudo sobre a oposição Grego/ Bárbaro e a sua importância na expressão da identidade helénica que a tragédia ajudou a construir no séc. V a.C. é o de Edith Hall, *Inventing the Barbarian. Greek Self-Definition through Tragedy* (Oxford 2004).

da oposição tenham mantido sempre o mesmo valor relativo. Muitas vozes questionaram a validade lógica e ética de tais categorias. Um Sofista como Antífonte, por exemplo, desvaloriza a relação de forças daqueles opostos, defendendo que a ideia da superioridade do Grego frente ao Bárbaro é algo que releva apenas do *nomos*, ou seja, da convenção, e não da *physis*, isto é, da natureza (fr. 44 DK). No domínio da poesia, o teatro trágico, e nomeadamente o de Eurípides, de finais do séc. V, é um testemunho claro do uso invertido dos pólos antinómicos. A terrível experiência da Guerra do Peloponeso e os excessos aí cometidos têm o seu reflexo em peças como *Hécuba* e *As Troianas* que colocam em evidência a facilidade com que o barbarismo, entendido como comportamento desumano e brutalidade arbitrária, penetra o modo de vida grego. A certa altura diz Andrómaca em *As Troianas* (764): *Ó Gregos, que inventastes os mais bárbaros suplícios!*

Platão é outra das vozes que rejeita, por motivos lógicos, uma divisão do género humano em dois blocos — a raça helénica e as outras (*Pol.* 262c-d)⁴. Já Aristóteles parece não ter integrado a lição do mestre, porquanto defende na sua *Política* (1252b8) a pertinência da oposição Grego/Bárbaro com base no que considera ser a natural propensão para a liberdade dos primeiros e a não menos natural propensão para a escravatura dos segundos⁵.

É precisamente contra este pensamento do Estagirita que, mais tarde, reagirá Eratóstenes de Cirene, um dos mais notáveis eruditos da Biblioteca de Alexandria, que ele próprio dirigiu durante o reinado de Ptolomeu III Evérgeta. Segundo Estrabão (1. 4,9), a principal fonte que possuímos para o conhecimento deste autor, Eratóstenes rejeitava uma divisão do género humano em

⁴ Maria Teresa S. de Azevedo, *Platão: Helenismo e Diferença. Raízes Culturais e Análise dos Diálogos* (Coimbra 2006) 245-248, fala do “cruzamento de saberes” que caracterizou o projecto intelectual da Academia platónica e que demonstra o profundo interesse de Platão pelos “saberes bárbaros”.

⁵ Esta não terá sido a atitude do Estagirita nos tempos iniciais do seu contacto com a Academia.

Gregos e Bárbaros, e censurava o conselho dado por Aristóteles a Alexandre de tratar os Gregos como amigos e os Bárbaros como inimigos, pois que, segundo afirmava, o melhor era distinguir os homens pela virtude ou pela maldade⁶. Ora, como ele próprio diz, Alexandre não terá seguido a admoestação do seu tutor, tendo, antes, beneficiado homens ilustres, independentemente da sua origem.

Estamos, pois, em presença de uma nova atitude, num tempo que vê esbater-se a antiga vivência particularista da pólis, típica dos Gregos de épocas anteriores, e assiste à tentativa da sua substituição por uma *oikoumene*, uma comunidade universal, de base linguística e cultural, sob a égide da Hélade. Este era o projecto de Alexandre, que os seus sucessores se encarregaram de continuar: o de unir o Ocidente ao Oriente, reunindo na Biblioteca e no Museu, fundados na egípcia Alexandria, cópias dos escritos existentes em todo o mundo helénico, tal como este se reconfigurara após as conquistas do Macedónio. Tal significa que não se tratava de reunir apenas as obras da tradição grega propriamente dita, mas os escritos produzidos no seio de civilizações antes consideradas bárbaras, e sujeitá-los ao trabalho de exegese e de tradução. E assim, sob a tutela dos Ptolemeus, se verteram para língua grega os escritos de Zaratustra (ou, à grega, Zoroastro), por exemplo, ou as Escrituras Hebraicas, a chamada Septuaginta ou Versão dos Setenta.

Por si só, tal empreendimento revela a grande curiosidade suscitada por esses textos, mas também, de alguma maneira, o reconhecimento do seu valor intrínseco, como expressões de culturas mais ou menos estranhas à Hélade mas dignas de consideração. Mas, por outro lado, ao sujeitá-los ao molde

⁶Neste sentido podemos considerar Eratóstenes herdeiro do Sócrates platónico que, no *Fédon* (78a), defende algo semelhante, ao dizer: *A Hélade é vasta e há certamente nela homens de virtude, como também entre as nações bárbaras, que são numerosas...* A tradução deste passo é de Maria Teresa S. de Azevedo, *Platão. Fédon* (Coimbra 1988).

linguístico grego, o trabalho de tradução acabou por ter como consequência inevitável uma certa conformação desses elementos culturais e religiosos exógenos à conceptualização própria da língua grega. Trata-se de um fenómeno de profunda aculturação que há-de continuar e deixará marcas muito visíveis nas primeiras formulações do próprio cristianismo, como nota Werner Jaeger⁷.

A imposição do grego aos povos conquistados, a chamada *koine* ou língua comum que acabou por se sobrepor aos dialectos existentes nas várias partes da Hélade⁸, foi o factor determinante para a construção de uma *oikoumene* helénica, e um dos principais factores de helenização. Outro foi, sem dúvida, a educação. Em todos os centros urbanos do mundo helenístico surge o típico *gymnasium*, uma espécie de escola secundária onde se leva a cabo um autêntico projecto de formação humana assente nos estudos literários e científicos que visavam uma *enkyklios paideia*, uma cultura geral⁹. Daí a importância da fixação dos textos antigos, que constituíam o fundo cultural da Hélade e eram fundamentais para a concretização desse projecto educativo, numa altura em que a instrução era cada vez mais escolar e livresca. Por isso, os Ptolemeus chamavam para a Biblioteca brilhantes eruditos, responsáveis pelas primeiras edições críticas das obras literárias gregas arcaicas e clássicas — antes de todas, dos Poemas Homéricos, que foram objecto de intenso e contínuo trabalho exegético, mas também dos Líricos, dos Trágicos, dos Oradores. Os sábios alexandrinos estabeleceram ainda o cânon de cada um dos géneros literários, fazendo desses autores e textos os modelos a serem aprendidos nas escolas.

⁷ Werner Jaeger, *Cristianismo primitivo e Paideia grega* (Lisboa 1961).

⁸ Sobre a noção que os Gregos tinham de dialectos, vide A. M. Davies, "The Greek notion of Dialect": T. Harrison (ed.), *Greeks and Barbarians* (New York 2002) 153-171.

⁹ Entende Henri Marrou ser este o correcto significado da expressão grega. Cf. Henri I. Marrou, *Histoire de l'éducation dans l'Antiquité. I. Le monde grec* (Paris 1964) 264.

A pouco e pouco começam a surgir também textos de temática judaica, egípcia e outras, compostos em grego e de acordo com os modelos literários helénicos¹⁰. O género trágico chegou a servir de molde para a representação de alguns episódios da Septuaginta, como aconteceu com os primeiros quinze capítulos do Êxodo, dramatizados por um judeu alexandrino, de nome Ezequiel, facto que, como diz Jane Lightfoot, “é evidência de que as elites helenizadas aproveitaram as vestes da alta cultura literária grega para se representarem a si mesmas, para os seus e para os Gregos”¹¹. Existe também notícia de um sacerdote egípcio, de nome Mâneton, que em Heliópolis, Líbano, escreveu em grego uma história do Egipto em três livros, os *Aigyptiaka*¹².

O grego era, de facto, a língua franca da época, indispensável para a transmissão e a criação cultural, reenviando de novo a antinomia Grego/Bárbaro ao seu sentido primeiro, isto é, a uma distinção baseada na diferenciação linguística. Obviamente, falar grego e, sobretudo, ser educado segundo os modelos da *paideia* helénica continuava a ser sinal de superioridade. E, como é natural, dado que os Gregos tinham passado a ser uma mistura de falantes originais e falantes helenizados, assiste-se, por vezes, a uma espécie de reivindicação de originalidade ou de berço. Um retrato caricatural de uma situação desse tipo, encontramos-lo no *Idílio* 15 de Teócrito, um dos mais importantes e originais poetas da época. Teócrito era originário de Siracusa, mas terá estado em Alexandria, que, a julgar pela descrição feita neste

¹⁰ Sobre a influência dos modelos literários gregos na cultura judaica, vide Nuno S. Rodrigues, “Poética grega e cultura judaica”: Eire-Fialho-Portocarrero (eds.), *Poética(s): Diálogos com Aristóteles* (Lisboa 2007) 101-140.

¹¹ Jane L. Lightfoot, “Sophisticates and solecisms: Greek Literature after the classical period”: Oliver Taplin (ed.), *Literature in the Greek World* (Oxford 2000) 210.

¹² O original perdeu-se, mas existem fragmentos em escritores judeus e cristãos. Cf. Hornblower-Spawforth, *The Oxford Classical Dictionary* (Oxford 2003).

poema, ele conhecia muito bem. O *Idílio* contém um quadro muito realista desta cidade cosmopolita num dia de festa, com ruas apinhadas das mais variadas gentes, ruas através das quais duas mulheres, Gorgo e Praxínoa, acompanhadas de duas criadas, se afadigam a caminhar, rompendo por entre a multidão, para chegarem ao palácio de Ptolemeu, onde a rainha oferecia uma festa em honra de Adónis. Já no palácio admiram, extasiadas e sem conseguirem manter o silêncio, uma fantástica tapeçaria. Perturbado pelos contínuos e pouco interessantes comentários das mulheres, um estranho que apreciava o mesmo espectáculo diz (87-88)¹³:

*Calem-se, idiotas, com o vosso palrar interminável,
suas rolas! Abrem tanto a boca para falar que nos arranham os ouvidos.*

Ao que logo responde Praxínoa (89-93):

*Olá! Onde veio este homem? Se somos palradoras, que tens tu com
isso?
Compra alguém a quem dê ordens. Ou julgas que mandas em
Siracusanas?
Para ficares a saber, ainda isto te digo: somos de ascendência coríntia,
tal como Belerofonte. E falamos à moda do Peloponeso.
Acho que os Dórios têm licença de falar à moda dórica!*

Este *Idílio*, pequena dramatização de uma cena da vida quotidiana, é também exemplo dos novos caminhos trilhados pela poesia na Época Helenística e que devem relacionar-se, sem dúvida, com a percepção da enorme pluralidade cultural e étnica de cidades nas quais, de alguma maneira, o indivíduo se diluía e se arriscava a perder o rumo. Nota-se, por parte dos poetas, principalmente dos que cultivaram a comédia e os mimos, um desejo de realismo e uma maior concentração nas pessoas comuns, na sua vida doméstica e familiar e nas suas relações afectivas; e este é um interesse que não tem já nada que ver com a defesa dos

¹³ A tradução é de Maria Helena R. Pereira e encontra-se em *Hélade. Antologia da Cultura Grega* (Porto 2003) 481-482.

valores heróicos do passado, protagonizada por personagens de excepção.

Por outro lado, a produção literária da época insere-se no espírito de abertura cultural, de curiosidade pelo diferente, e no gosto pela novidade e pela erudição. Outro dos seus melhores representantes é Calímaco de Cirene, cuja ligação à Biblioteca alexandrina é certa, embora difícil de precisar. Sabemos que é autor de um catálogo feito a pedido de Ptolemeu II — as *Pinakes*. Mas foi a sua obra poética que o notabilizou, vindo a ser imitado pelos maiores poetas latinos. Apesar de desconhecermos a maior parte dos seus trabalhos, a poesia que chegou até nós é o bastante para percebermos o carácter inovador do seu projecto poético¹⁴. Numa época de intensa actividade hermenêutica sobre o texto de Homero, Calímaco, profundo conhecedor da epopeia, dela se demarca, rejeitando, não apenas algumas característicos formais — a extensão, sobretudo — mas ainda uma visão heróica do mundo que já não se coadunava com a nova realidade. No final do *Hino a Apolo*, usando a metáfora da corrente das águas para se referir à poesia, critica aquilo a que chama a *corrente assíria* que arrasta consigo lama e imundície, referindo-se, certamente, à epopeia homérica e à amálgama de influências culturais nela presentes, responsáveis por incongruências que num poema longo escapam ao controle do autor¹⁵. Por isso prefere enveredar por caminhos ainda não trilhados, propondo um novo estilo poético depurado, em composições de menor fôlego, um estilo intelectualmente rigoroso, e pleno de conhecimentos e erudição.

Calímaco é, de facto, um poeta cuja obra reflecte bem a existência, em Alexandria, de um enorme caldo de culturas, e, por

¹⁴ Sobre este assunto vide José R. Ferreira, “La Concepción Poética en Calímaco”: Sánchez Marín- Muñoz Martín (eds.), *Retórica, Poética y Géneros Literarios* (Granada 2004) 81-94, e Frederico Lourenço, *Grécia Revisitada* (Lisboa 2004) 119-125.

¹⁵ Aquilo a que mais tarde Horácio se referirá com a conhecida frase *quandoque bonus dormitat Homerus*.

outro lado, um cada vez maior interesse pelas tradições locais das cidades helenísticas¹⁶. Assim se explica uma obra como os *Aitia* “Origens”, onde o autor procura precisamente as raízes de determinados cultos e rituais. Mas fá-lo dentro de um projecto poético que se apresenta simultaneamente como herdeiro do passado — de Hesíodo, não de Homero — e iniciador de algo novo. Com efeito, aproxima-o de Hesíodo a mesma preocupação etiológica, mas a viagem que o transporta em sonhos até ao monte Hélicon, onde outrora o poeta beócio fora investido pelas Musas da alta e digna missão de cantar “a raça dos bem-aventurados”, apresenta-o agora no papel de um poeta novo, que investe da mesma dignidade literária temas mais simples, mitos menos conhecidos, interessantes apenas para as cidades de origem, num esforço, enfim, de projectar e conferir estatuto literário a assuntos nunca antes cantados por nenhum dos grandes poetas da Hélade.

Ainda no domínio da literatura, o próprio fenómeno de contaminação dos géneros literários, tido justamente como uma das características da poesia helenística nos primeiros tempos de Alexandria, é, de algum modo, revelador deste interesse pelo novo, pelo diferente¹⁷. É o caso dos “mimiambos” de Herodas, um cruzamento entre os assuntos típicos do mimo, e o esquema métrico do iambo. Ou, exemplo ainda mais significativo, as composições de Menipo de Gádara, cuja obra não chegou até nós, mas que, segundo testemunhos antigos, misturavam prosa e verso (“prosimetrum”), de influência semítica e árabe.

Não há dúvida, pois, de que o espírito de abertura ao Outro, e a curiosidade por tudo o que é novo e diferente acabam por fazer com que perca força e se dilua a oposição Grego/Bárbaro como

¹⁶Afirma Hunter que “o projecto etiológico é, em poetas como Calímaco e Apolónio, momento de intersecção entre a cultura totalizante da Alexandria ptolemaica e o mundo das cidades helenísticas, com as suas tradições, os seus cultos e a sua política.” Cf. Fantuzzi-Hunter, *Muse e modelli: la poesia ellenistica da Alessandro Magno ad Augusto* (Roma 2002) 68-69.

¹⁷ Cf. *Muse e modelli*: 20.

meio de expressão de uma visão dicotómica do género humano, assente na ideia da superioridade dos Gregos. Mas permanece uma ideia de superioridade cultural, que está na base do próprio processo de helenização da cultura romana, como Horácio reconhecerá com os famosos versos *Graecia capta ferum uictorem uicit et artes intulit agresti Latio*¹⁸.

A bem da verdade não podemos dizer que a abertura à diferença seja específica ou exclusiva desta época. Trata-se, antes, por assim dizer, de um dos traços da idiossincrasia helénica de que Heródoto, no domínio da historiografia, é um exemplo sintomático. Desse gosto dos Gregos, e em particular dos Atenienses, pela novidade falam ainda mais tarde, como se de um vício se tratasse, os Actos dos Apóstolos, ao descreverem a chegada de S. Paulo a Atenas:

Levaram-no ao Areópago, e perguntaram-lhe: “Podemos saber que nova doutrina é essa que pregas? Pois o que nos trazes aos ouvidos parece-nos muito estranho. Queremos saber o que vem a ser isso.” Ora (como se sabe), todos os Atenienses e os forasteiros que ali se fixaram não se ocupavam de outra coisa senão em dizer ou ouvir as últimas novidades. (Act. Ap.17, 19-21).

Isto passa-se no séc. I d.C.. Mas tal maneira de ser estava já muito antes tipificada no mito e na poesia através da figura de Ulisses, retratado na *Odisseia* como o homem que muito aprendeu a partir do contacto com várias gentes: *viu as cidades de muitos homens e conheceu o seu espírito* (1.3). Aliás, o desejo de conhecimento é nele uma característica fundamental, sintetizada no episódio das Sereias a cujo doce canto não resiste, pois, como elas mesmas arditamente prometem, depois de o ouvir poderá regressar *deliciado, com mais amplo saber* (14. 187). Mas Ulisses é

¹⁸ Apesar da indignação de Catão pelo facto de os Gregos considerarem os Romanos bárbaros, a verdade é que Plauto, em comédias como *O Homem das Três Moedas* (19) e *Comédia dos Burros* (11) afirma ter traduzido as suas peças, do grego (de Filémon e de Demófilo, respectivamente) ‘para língua bárbara’ (*barbare*).

também e sobretudo o que anseia pelo regresso, o nostálgico, no sentido etimológico da palavra, que, ao longo de viagens que se saldaram por um acréscimo de conhecimento e sabedoria, não perde nunca o seu ponto de referência, o seu lugar — Ítaca.

Ora, o herói da *Odisseia* simboliza bem o espírito helénico e, particularmente, o da Época Helenística. A par da abertura ao Outro e da curiosidade pelo diferente e exótico, subsiste um certo sentido de pertença, ou pelo menos um seu desejo, a noção de uma identidade, de um lugar, que já não é a vida comunitária da pólis, mas a cultura e a língua que formam o ideal do homem como cidadão do mundo — o *cosmopolita*.

* * * * *

Resumo: A oposição Grego/Bárbaro, actuante, sobretudo na Época Clássica, como *topos* retórico do discurso da identidade helénica, perde sentido na Época Helenística, na qual se constrói a noção do Grego como cosmopolita, membro de uma comunidade universal baseada na identidade da língua e da cultura.

Palavras-chave: Grego/Bárbaro, Época Helenística, Biblioteca de Alexandria, Poesia, Educação.

Resumen: La oposición griego/bárbaro, que funciona como un *topos* retórico del discurso de la identidad helénica, especialmente en época clásica, ve difuminado su sentido en época helenística, cuando se contruye la noción de griego como cosmopolita, miembro de una comunidad universal basada en la identidad de la lengua y la cultura.

Palabras clave: griego/bárbaro, época helenística, Biblioteca de Alejandría, poesía, educación.

Resumé: L'opposition Grec/Barbare, opérante, surtout, à l'Époque Classique, comme *topos* rhétorique du discours de l'identité hellénique, perd son sens à l'Époque Hellénistique, où se construit la notion du Grec cosmopolite, membre d'une communauté universelle fondée sur l'identité de la langue et de la culture.

Mots-clé: Grec/Barbare, Époque Hellénistique, Bibliothèque d'Alexandrie, poésie, éducation.